

Maurício Tragtenberg: O "marxista anarquizante" frente a Era Digital

Maurício Tragtenberg: El "marxista anarquizante" ante la Era Digital

Maurício Tragtenberg: The "anarchizing Marxist" in the face of the Digital Age

Gabriel de Siqueira Gil

Doutorando no Programa de Pós-graduação em Economia Política Mundial - UFABC, mestre em Estudos Latino-americanos - PPG-IELA UNILA, bacharel em Ciência Política e Sociologia: Estado, Sociedade e Política na América Latina - UNILA e licenciado em Sociologia - PUC-PR. E-mail: gil.gabriel@ufabc.edu.br.

Submetido em: 26 jan. 2024

Aprovado em: 19 maio 2024



Creative Commons



Atribuição



Não comercial



Compartilha igual

<https://br.creativecommons.net/licencas/>

Resumo

Com objetivo de revisitar a crítica sociológica de Maurício Tragtenberg no campo da comunicação e lutas populares, são discutidos os fundamentos da comunicação libertária e anarquista como princípios de análise da mediação e mediação capitalista. Para tanto, recuperamos de Tragtenberg aquilo que caracterizava ser: "a emergência dos meios eletrônicos de comunicação de massa", "o seu potencial mobilizador num novo processo produtivo" e as "contradições inerentes à estrutura dos meios de comunicação". Postulados que incidem na análise da digitalização e dataficação social, e argumentos para a defesa da comunicação popular e propaganda crítica para transformação social.

Palavras-chave: Economia Digital; Mediação; Mediação; Materialismo; Revolução Social.

Resumen

Con el objetivo de retomar la crítica sociológica de Mauricio Tragtenberg en el campo de la comunicación y las luchas populares, discutimos los fundamentos de la comunicación libertaria y anarquista como principios para analizar la mediación y mediatización capitalista. Para ello, recuperamos de Tragtenberg lo que él caracterizó como: «la emergencia de los medios electrónicos de comunicación de masas», «su potencial movilizador en un nuevo proceso productivo» y las «contradicciones inherentes a la estructura de los medios». Postulados que inciden en el análisis de la digitalización y la dataficación social, y argumentos para la defensa de la comunicación popular y la propaganda crítica para la transformación social.

Palabras-clave: Economía Digital; Mediatización; Mediación; Materialismo; Revolución Social.

Abstract

In order to revisit Mauricio Tragtenberg's sociological critique in the field of communication and popular struggles, we discuss the foundations of libertarian and anarchist communication as principles for analyzing capitalist mediation and mediatization. To this end, we recover from Tragtenberg what he characterized as: "the emergence of electronic mass media", "their mobilizing potential in a new productive process" and the "contradictions inherent in the structure of the media". Postulates that have an impact on the analysis of digitalization and social datafication, and arguments for the defence of popular communication and critical propaganda for social transformation.

Keywords: Digital Economy; Mediatization; Mediation; Materialism; Social Revolution.

Introdução

“El mayor problema filosófico es reconciliarnos con la muerte, y quizá lo resolvamos mediante la obra. No somos sino el vehículo de las formas. No se lo comunica sino lo que es común a todos. No somos los dueños de las obras, sino los depositarios de la vida”.

Rafael Barrett.

Em novembro de 2023, celebramos os 100 anos do nascimento e 25 anos do (des)encanto da vida e obra do sociólogo brasileiro Maurício Tragtenberg (1923-1998)¹. Intelectual comprometido, militante, professor e sociólogo libertário que ousava se autodefinir um “marxista anarquizante”. Alguém que deixou contribuições para crítica da comunicação e análise do desenvolvimento das mídias capitalista na “era da eletrônica”, frequentemente concebida como a “Era Digital”. Argumentos remontam “a emergência dos meios eletrônicos de comunicação de massa” e “o seu potencial para a mobilização e participação das massas no [novo] processo produtivo e social” (Tragtenberg, 2006 grifo meu), mas se desenvolve pela análise das transformações no mundo midiático na economia digital e os desafios da comunicação popular comprometida com o processo de transformação da realidade de exploração e dominação capitalista.

O objetivo é revisar a crítica da comunicação de M.T e compreender os argumentos teóricos e práticos da comunicação libertária e anarquista na crítica da economia política da comunicação (EPC) frente a expansão da economia digital e o processo de dataficação social. Através da análise da “contradição inerente ao funcionamento da comunicação de massa e mídias capitalistas” pelo sistema diferencial de classes que opõem o capital monopolista e a necessidade humana de comunicação (Ibid. ibid.). Por isso parte da hermenêutica da vida e obra do sociólogo e processegue da revisão teórica-metodológica de crítica no campo da comunicação social. Princípios que orientaram a trajetória intelectual (vida e obra) deste sociólogo genuinamente marxista e anarquizante, aqui plasmados na sua frase: “que a emancipação social e libertação econômica não poderá ser obtidas em base a um sistema de comunicação centralizado”.

Argumentos aqui recuperados pela dialética materialista e organização da comunicação popular como princípio na construção de uma “rede de comunicação” comprometida com a auto-organização de produtores/trabalhadores e luta pela emancipação/revolução social. Para tanto, o trabalho se ocupa de quatro partes: “Um marxista-anarquizante”; “Materialismo e classicismo”; “A dialética das mídias” e; “Comunicação libertária em Tragtenberg”; - que resgatam aspectos biográficos, teóricos, metodológicos e práticos da vida e obra do sociólogo libertário.

Já a análise da midiaticização e o processo de mediação da realidade na economia digital e o processo de mineração de dados de informação em plataformas de dados digitais, emerge de argumentos sobre a necessidade de pensar a obra científica como “veículo” da consciência de classe e emancipação. Uma convicção reafirmada pela prática do sociólogo à quem dedicamos o trabalho e o qual os postulados permanecem vivos na crítica marxista-anarquizante das contradições das mídias na América Latina.

¹ Será utilizado a sigla “M.T” para designar o autor sobre quem será tratado o artigo.

Um “marxista anarquizante”

Sob essa aparente anarquia, há a necessidade: as pessoas não são loucas, não fazem qualquer coisa, elas têm “interesses”. Não são interesses materiais ou econômicos simples, são interesses muito complexos, de pertencimento: interesse quer dizer “pertencer”, “ser de”.
Pierre Bourdieu.

Afirmava Pierre Bourdieu (2001) que “toda biografia é uma avenida aberta”. Assim que procede com a vida e obra de Maurício Tragtenberg e para conhecer a sociologia libertária do intelectual que se autointitulou ser um “marxista anarquizante”, basta percorrer as obras biográficas e revisões teóricas existentes sobre este autor (ver. Accioly, 2001; Valverde, 2001, 2011; Silva, 2008; Passetti, 2001, 2008; De Paula, 2002; Viana, 2008; Meneghetti, 2013; et. al.). Foi um “homem de palavra” como reconhece Rodrigues. Sobretudo, um intelectual da palavra quem conciliou a vida acadêmica com uma intensa atividade (extra-acadêmica) dirigida aos trabalhadores na sua coluna sindical na imprensa diária paulista².

Alguém com a gramática acadêmica impiedosa, composta pelo verbo combativo e popular (Rodrigues in. Accioly, p. 269, 2001) e, para Antonio Candido de Mello e Souza, um intelectual exemplar pelo saber, energia mental, ânimo combativo e sentimento de liberdade com que enfeixa essas qualidades na sua trajetória. Um “socialista heterodoxo” cuja autenticidade era insuportável aos sacerdotes das certezas, como exclama Ricardo Antunes. Um intelectual iconoclasta, desconfiado das convicções intransigentes e que se atrevia a não se identificar com um partido, sindicato ou corrente de pensamento. Alguém com aversão a ortodoxia, dotado de um forte rechaço ao esquerdismo autoritário e sem medo apresentava suas críticas e verdades (Rodrigues, 2001).

Por isso, não se trata de situá-lo entre socialistas e anarquistas, mas como intelectual que confrontou os campos em que atuou através do contra-posicionamento de quem encontrava-se no fluxo da dialética que orientava a sua vida intelectual (Passetti, 2008) como procedeu ao longo da sua vida. Um rebelde irreduzível - por vezes indecifrável e intrasigente – que foi introduzido na vida intelectual (como consta na sua auto-biografia / “Memorial”), por descendentes de imigrantes anarquistas (russos-ucranianos) que: “ajudados pela imprensa libertária, aprimoraram o senso coletivo de vida e trabalho aprendendo uns com os outros” e conseguiram a autossuficiência em alimentos, elevaram o aprimoramento educacional e a autoaplicação dos princípios anarquistas no cotidiano de suas vidas (Tragtenberg, in. Memorial)³.

Princípios que incidem no fazer científico de quem acreditava na validade do saber popular na crítica capitalista e que reivindicou o papel atuante do(a) intelectual, como instrumento ou “veículo” na luta dos trabalhadores (Rodrigues, 2001; 2002). Que defendia ser a liberdade e a crítica uma condição da prática científica e que reafirmou ser impossível fazer ciência sem crítica e que o exercício da crítica é inseparável da liberdade (Tragtenberg, 1981; 1979). Uma disposição um “pouco anarquista” como afirmaria Bourdieu (1989) voltada para crítica aos

² No jornalismo M.T trabalhou na “Folha” cuidando do noticiário internacional, nos anos 60, a convite de Cláudio Abramo (Sereza, 1999); e coluna “No Batente” - jornal “Notícias Populares” em que discutia problemas do cotidiano dos operários e sindicatos. Ver. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1812199930.htm>

³ Minha biografia começa no interior do Rio Grande do Sul, onde meus avós - camponeses pequenos proprietários fugindo dos *progroms* - cultivavam como unidade familiar uma agricultura de subsistência e o excedente vendido no mercado em Erechim. (...) camponeses russos vindos da Ucrânia que desembarcaram no Paraná e despejados em Erechim (...) quando os bolcheviques tomaram o poder e exterminaram as colônias anarquistas. Muitos fugiram para a Argentina e enviavam a Erechim exemplares do jornal libertário “*Golos Truda*”, editado pela Federação de Trabalhadores Russos, com sede em Buenos Aires...

poderes do capital monopolista e burocráticos do Estado - no campo da comunicação pela regulação das mídias - que antecipou argumentos estratégicos para a crítica das mídias sociais no "novo processo" midiático da civilização capitalista. Aquilo que hoje identificamos como a digitalização econômica e dataficação da realidade social (cf. Coudry e Hepp, 2019).

Materialismo e classicismo

A contribuição de M.T no campo da comunicação não muito extensa, porém reabilita postulados teóricos e práticos do anarquismo social, ao questionar a vigência e atualidade dessa corrente de pensamento como horizonte ético-político libertario e pensamento crítico/científico voltado para à vida cotidiana (Vargas, in. Utopía, vol. 21, p. 73- 84, 2016). Com isso, evitou o descrédito desmerecido e propagado no campo acadêmico por caluniadores, detratores e comentadores sobre o anarquismo (cf. Guérin apud. ITHA, 2020)⁴.

A sociologia rebelde de M.T caminha no contra-fluxo acadêmico e remonta a lógica dedutiva da dialética serial de Pierre Joseph-Proudhon (2003) e o materialismo científico ou "popular", do filósofo anarquista-russo Mikhail Bakunin (1968). Alguém que identificou o anarquismo dentro da luta anti-capitalista e assentado na premissa da auto-organização da classe trabalhadora para realização dos socialismo científico. Tomava como premissa o conflito da luta de classe como postulado pelo materialismo histórico de Marx e Engels. Porém, observa os fenômenos sociais através pela lente do materialismo de Bakunin (Tragtenberg, 2005, 2006, 1981a, 1981b, 1983)⁵; recuperando no campo acadêmico as teorias e práticas do "anarquismo social" (cf. Bookchin, 1995; 2011) como sendo um tipo de materialismo sociológico (senso Ferreira, 2013)⁶.

Em termos práticos, o fazer científico de M.T toma como ponto de partida a construção do conhecimento pelo "*sujeto existente que se autoproduce, haciéndose dueño y señor de su mundo, que es la historia, y sólo puede existir como conciencia de su actividad*" (Vargas, in. Utopía, 2016). Como afirma M.T ao citar Bakunin:

que o homem se constitui pela ciência e desobediência, rejeitando a pressão de qualquer poder externo e acima de si mesmo, pelo fato que a escravidão intelectual leva a escravidão política e econômica. A exploração econômica só pode ser combatida por meio do caminho do cultivo da ciência racional e propaganda do socialismo (Tragtenberg, 2011, p. 123).

Advogou que "toda classe explorada deve se constituir enquanto tal, através da comunicação e propaganda da denúncia da exploração e dominação para coesão entre teoria e a

⁴ Aqueles que insistem que o anarquismo está morto, que é essencialmente individualista, particularista e resistente à organização social e que estão interessados nos desvios controversos, como assassinatos e a propaganda pelo fato.

⁵ Para Bakunin eram os setores burgueses que gritavam contra o "materialismo do povo": *el pueblo (..) ha comprendido que la condición de su emancipación real (..) es ante todo una reforma radical de sus condiciones económicas* (..) [que] *solo pueden ser obtenidos por una transformación radical de la organización actual de la sociedad, la revolución, impulsada por el nacimiento del socialismo (..) la liberación del trabajo popular del yugo del Capital y de los propietarios* (Bakunin, 1968, p. 16-25 grifo meu).

⁶ Método assentado em três aspectos: i. "ontológico" - relativo a teoria do sujeito, do mundo natural e material; ii. "sociológico" - baseada na multiplicidade de determinações dos fenômenos e; iii. "revolução social" - expressa na articulação das ideias e prática como método de auto-organização da classe trabalhadora. Presume a liberdade como valor, o antiautoritarismo, o antiestatismo e contrário ao pensamento religioso. A concepção de libertação orientada pela "justiça não-jurídica", "não-teológica", "não-metafísica" e "ciência racional".

prática”;⁷ e que a superação da desigualdade social decorre do conflito com a grande propriedade privada e estatal de produção. Tal concepção o leva a compreender que a realização econômica do socialismo científico deve ocorrer por meio da organização de massas e através da comunicação política através do conhecimento disponível entre os identificados com a exploração e dominação (Tragtenberg, 1979).

O que reforça serem o materialismo e o classicismo princípios irrevogáveis na sociologia radical de M.T. Princípios estes que aqui são orientados para análise da expansão da economia digital e o processo de mediação da realidade social (materiais ou simbólicas) através das plataformas digitais como a base da reconfiguração da estrutura das mídias capitalista no contexto de prevalência do processo de mineração de dados combinado aos extrativismos na América Latina. Este fato aplica as formas de apropriação e exploração através da comunicação instantânea e hipermassificação de equipamentos tecnológicos com sistemas informáticos altamente sofisticados para captura de dados de informação.

A dialética das mídias capitalistas

M.T publicou resenha bibliográfica “*Os meios de comunicação uma extensão do homem*” (1969)⁸ em que critica o “novo idealismo do tipo tecnológico” pelo qual Marshall McLuhan (1968) supõem serem “anacrônicos” problemas como das mudanças socioculturais, a burocratização, o etnocentrismo, preconceito racial, sociais e de classe, negando-os psicanaliticamente, numa vertigem reducionista que não é negligenciável (Tragtenberg, in. Rev. adm. empr. 9, set. 1969). Nela critica de forma contundente a tese das “fases literárias”, que sustenta que os meios de comunicação de massa transformaram a nossa civilização não pelo conteúdo, mas pela coerção fundamental da sistematização exercida pela sua essência técnica (cf. McLuhan, 1968).

Para M.T: “é evidente que o conteúdo nos esconde, a maior parte do tempo, a função real do veículo”; - e é por isso, que se trata de uma “mudança estrutural de escalas, modelos e hábitos operada em profundidade nas relações humanas pelo próprio veículo”. E prossegue:

cada mensagem possui um caráter transitivo para outra mensagem e não em direção ao mundo real (..) O aperfeiçoamento técnico do veículo vai de encontro a uma mensagem objetiva, de informação real, de sentido: mensagem de consumo, sensacionalismo, autonomização, valorização da informação enquanto mercadoria, exaltação do conteúdo enquanto signo; nesse sentido, a publicidade é o veículo contemporâneo por excelência (Tragtenberg, 1969).

E reforça:

serão as pesquisas posteriores que deverão estabelecer de maneira mais precisa quais são as relações que os sujeitos estabelecem entre si e as condições de produção dos veículos, por sua correlação com as estruturas de poder que dominam pela manipulação, problema que McLuhan não aborda (Ibid. ibid.).

Mais recentemente, no livro “A construção mediada da realidade” (2020), os sociólogos marxistas Nick Couldry e Andreas Hepp, sustentam que de fato pesquisadores(as) ignoram

⁷ Pressuposto que toda classe deve buscar a independência e autonomia na construção de espaços e instituições voltadas para os seus interesses. A noção de classe social é o resultado do processo dinâmico e transitório da dialética da produção e dominação capitalista.

⁸ Tese que a era eletrônica significa o fim da cultura visual, da divisão técnica, do individualismo e do nacionalismo e que introduziria a comunicação instantânea e cultura oral.

que a realidade social é um produto da mediação do mundo através da comunicação e informação, e que portanto, a própria noção de social é o resultado da forma como a realidade é construída através da comunicação mediada por tecnologias de mídias (Couldry e Hepp 2020)⁹. E que assim como afirmou Marx: “a economia política não é tecnologia”; e toda forma de acumulação e apropriação de recursos só pode ser lida em correspondência ao grau de desenvolvimento social e análise da disposição do trabalho social (Marx, 1986 p. 5).

Isso significa que para compreender o papel das mídias enquanto veículos de comunicação, precisamos enfatizar que os processos comunicacionais e informativos pela análise do modo de produção dentro de um quadro histórico contingente no debate do campo da EPC (cf. Santos et. al., 2020; Herscovici et. al. 1998; Bolaño & Santos, 2018, p.52-66; Bastos, 2020). De todo modo, aqui a análise emerge por meio de uma “fenomenologia materialista” em relação ao desenvolvimento das mídias capitalistas e através da longa duração (senso Tilly, 1984 apud. Couldry e Hepp, 2019)¹⁰. Mas que diferente das “fases literárias” de McLuhan, observam que a evolução das mídias no capitalismo decorre de três grandes “ondas midiáticas” ou “ondas de midiaticização”, caracterizadas pela matriz tecnológica e produtiva da “mecanização”, “eletrificação” e “digitalização” (Ibid., ibid., p. 53)¹¹.

Tais premissas são reinterpretadas em base a dialética serial proudhoniana e compreensão dos processos conflituivos que são gerais ao desenvolvimento do modo de produção capitalista e que incidem nas técnicas de comunicação e mídias. Propriamente, uma análise operada através das matrizes da mecanização, eletrificação e digitalização/dataficação dado sua capacidade heurística como afirmaria Marx (1986) e Proudhon (2003) ao revelar um princípio geral de abstração sobre que o conjunto das técnicas nas relações materiais e simbólicas de produção e dominação no capitalismo. E que portanto, contribuem para revelar processos estruturais e estruturantes sobre todas as transformações nas técnicas e mídias ao longo dessa civilização histórica.

Como dedução, compreendemos que a expansão capitalista decorre de três grandes “séries históricas” identificadas de acordo com a matriz produtiva e base tecnológica: mecânica, elétrica e digital (eletrônica e micro-eletrônica). E que no interior destas séries ocorre a análise das “ondas midiáticas” de acordo com a variação na técnica de mídia e o volume ou intensidade da utilização de uma mídia - num contexto geográfico e sociológico específico - conforme a série histórica da expansão capitalista. Este é portanto, um “princípio de análise” sobre todas as técnicas de comunicação conforme a continuidade, uniformidade e repetição (cf. Tragtenberg, 2005).

Em base a isso, sustentamos que as mídias e a midiaticização influenciam os fatores da produção, os mercados, a ciência, a educação e principalmente a organização dos espaços sociais e a cultura identificada com as classes sociais contribuindo para a elaboração do social. No mesmo passo, que reforça a necessidade de analisar a midiaticização capitalista e o discurso midiático através da sua materialização no espaço social e geográfico (territórios) por meio das técnicas e da burocracia estatal. Isso revela que a “sucessão homogênea” na organização literária e midiática, está composta de uma leitura total das mídias (Ibid., 1969) e que este

⁹ Premissa que rompe com dicotomia que separa o mundo material do simbólico nos processos midiáticos do capitalismo e que reconhece ser na inter-relação entre as mídias e a comunicação social, que ocorre a construção do mundo social. O que exige técnicas e tecnologias de mídias voltadas para comunicação.

¹⁰ Percepção do processo contínuo de midiaticização e mediação da realidade nos últimos cinco ou seis séculos.

¹¹ Ressaltam os sociólogos que acreditam estar surgindo a “quarta onda”, identificada pela dataficação social e relações de produção, consumo e sociabilidade.

revela um princípio de análise sobre o forma da digitalização econômica e dataficação da realidade social mediada por tecnologias de mídias digitais.

A "era da eletrônica" como reconhecia M.T, revelou a forma de expansão do capitalismo digital e nos força a encarar a "segunda revolução pós-Gutenberg", que rompe com os esquemas tradicionais da mecanização, especialização, causalidade dedutiva, divisão técnica do trabalho e organização centralizada da burocracia; - e, demonstra, que os efeitos da comunicação não são puramente visual (Ibid., ibid.)¹².

Hoje sabemos que uso hipermassificado das plataformas digitais de mídias voltadas para a mineração de dados algorítmicos (Morozov, 2018), levam ao processo que Couldry e Hepp caracterizam como a "dataficação do mundo" e "relações sociais". Um processo que mostra que os efeitos da economia digital estão para além da simples utilização de dados digitais no dito "capitalismo de plataforma" (Srnicsek, , 2017) e na "plataformização do trabalho" (Grohmann, 2020) (et. al. adjetivações) e responde a processos gerais e ampliados da evolução na forma de apropriação e produção capitalista, composta por mudanças estruturais na forma de mediação da realidade através de formas complexas de apropriação de informações úteis que se alinham aos diferentes extrativismos na América Latina.

A expansão da economia digital e dataficação operada por meio de tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) como tecnologias mídias altamente sofisticadas, impactam a realidade do continente produzindo um tipo de "extrativismo Hi-Tech" (cf. Gil e Hirschfeld, in. Paraná e Kaminski, 2021). Apropriadamente, um processo em que a digitalização e a dataficação se sobrepõem a realidade extrativista na região e a aplicação de tecnologias voltadas para a mineração algorítmica a "nova fronteira" de expansão econômica que está alterando o quadro de referências e o centro dinâmico de organização das subjetividades através do acesso ampliado do uso das TDICs na reprodução do cotidiano social.

Paradoxalmente, nesse "manancial fluido e ilimitado de informações" como já afirmava M.T, que McLuhan acreditou que a "nossa civilização" estaria disposta para além da época literária e poderia ser definida por esquemas de participação interna. De outro modo: a automação, o telégrafo e a TV, longe de serem uma extensão dos princípios mecânicos de divisão, sucessão e exclusão, são os signos de uma unificação do mundo pela comunicação generalizada na era eletrônica (Tragtenberg, 1969).

A centralidade da digitalização econômica é a incidência midiática na construção e mediação da realidade no cotidiano social. Um novo processo produtivo de configuração tátil (Tragtenberg, 2005) pelo qual ocorre a continuidade nas formas de exploração e apropriação nas regiões sul-global que são inseridos de forma dependente na "era digital" ou "cultura digital" como ideologia do colonialismo de dados (Mejías e Couldry, 2019). Em que os desafios frente a lógica expansiva da economia digital e os interesses das populações da América Latina, prescinde da compreensão sobre a relação conflitiva que circunda os interesses sociais e os mercadológicos na composição de uma infraestrutura para as mídias e comunicação.

Este desafio se redesenha pela lógica (neo)colonialista dos dados digitais e a sua capacidade de se incorporar aos diferentes processos extrativistas e infiltrar no cotidiano social ampliando a capacidade de controle sobre recursos naturais e a superexploração do trabalho nas regiões periférica do capitalismo mundial (Gil e Hirschfeld, 2021). Mas principalmente, pela "captura" das subjetividades (individuais e coletivas) nas periferias do capitalismo mundial através da linguagem informática e componentes tecnológicos sofisticados. As TDICs como plataformas de mídias são "extensões do sistema nervoso central" como antecipava M.T. Algo que rechaça qualquer "fantasia regressiva" e o *travelling* mitológico (viagem mítica) que idealiza o passado

¹² Isso inclui a prensa tipográfica, a televisão, o rádio, o cinema, o jornal impresso, dispositivos móveis e plataformas digitais dentro de um conjunto de técnicas da mídiatização capitalista.

e principalmente o destino da civilização capitalista (Tragtenberg, 1969); e motivo pelo qual sustentava que a comunicação, as mídias e a mediação da realidade social pela técnica midiática nunca se constituíram como espaço neutro e que estas incidem diretamente nas relações sociais de poder, apropriação e exploração (Ibid., 2006).

Concordando com o diagnóstico, reconhecemos que o foco da análise da midiatização contemporânea é a mediação realizada por técnicas e tecnologias disseminadas socialmente e de acordo com variação histórica no contingente histórico do modo de produção/consumo (Couldry e Hepp, 2019, p. 50). Os conflitos e contradições na história das mídias e na produção da infraestrutura midiática, responde aos interesses do campo burocrático como organizador mercado e capital comunicacional ou informacional. Propriamente, ao mercado cultural no qual se inclui o uso e o funcionamento das mídias (senso Bourdieu, 1996). Portanto a realidade social que está sendo mediada pelas TDICs está constituída por diferentes interesses na forma de apropriação e produção de valor, agora ampliada pelas “novas possibilidades” da comunicação, publicidade e propaganda (Bolaño e Santos 2018; Bolaño 2010; Bastos, 2020; Herscovici et. al. 1998; Lopes, 2006).

Então é inegável que a midiatização se constitui num fator decisivo para as transformações que ocorrem em escala local, regional e global na sociedade capitalista nos últimos cinco séculos. Isso significa que a realidade das mídias estão para além dos simples efeitos que estas produzem na realidade social imediata (Couldry e Hepp, 2019, p. 54, apud. Lundby, 2009, 2014) e deve se orientar também pelas formas concretas com que incidem no poder político e burocrático (senso Tragtenberg, 2005). O que leva a necessidade de reavaliar os processos identificados com a regulação dos mercados das comunicações e mídias, mas também em reconhecer que a burocracia e a planificação são parte da contradição na constituição dos sistemas de mídias sob o monopólio e dominação capitalista.

Comunicação libertária em Tragtenberg

Por compreender que na origem das relações capitalistas existiam trocas livres de comunicação e informação, mas que agora os meios de comunicação se definem pela ambivalência entre responder à necessidade coletiva da comunicação e à lógica do Capital. M.T compreendida que a “incomunicabilidade” não é algo inerente aos meios de comunicação enquanto técnica e que assim não existe contradição entre o papel de transmissor e receptor no uso das mídias. E que a contradição reside na “constituição” e “manutenção” de um sistema diferencial de classes que coloca o capital monopolista de um lado e as massas que necessitam das mídias do outro. O que invariavelmente responde a “regulação” ou “flexibilização” burocrática em contraposição à necessidade de ampliar a participação na comunicação, como condição de uma sociedade emancipada e livre da supressão de tutelas (Tragtenberg, 2005; 2006 p. 350).

Para M.T a superação da contradição no mundo das mídias não pode ocorrer apenas através da burocracia, já que é parte da contradição e a base da ideologia e dominação capitalista. Contrário ao pensamento Liberal, entendia ser a defesa de uma comunicação socialmente comprometida pelos explorados e subalternos aquilo que poderia combater a alienação e contradição nos sistemas de mídias. No mesmo passo, reconhecia estar diante da “emergência dos meios eletrônicos de comunicação de massa” e vislumbrou o seu “potencial mobilizador”; que ampliariam as possibilidades de participação no processo produtivo e social das mídias e comunicações (Ibid., 2010, p. 350 grifo nosso).

Entendeu por isso, que a gramática da crítica da comunicação de massa, não poderia se resignar ao conceito de manipulação e alienação como na Escola de Frankfurt¹³; sustentando que:

¹³ Premissas que trabalham dentro dos temores aristocráticos e elitismo que está próximo da ilusão, já

se a TV e o cinema não estavam a serviço da comunicação, já que não exige a influência concomitante entre emissor e receptor do ponto de vista técnico, ao reduzir a retroação de informação ao nível mínimo permitido (...); os meios eletrônicos impulsionam o crescimento de uma rede de informação que leva à necessidade de reconsiderar o conceito de soberania (Ibid., 2006).

É neste ponto que identificamos o atual debate da comunicação enquanto civilização midiática e produtiva. O qual passa pelos desafios na construção de uma comunicação popular e libertária colocada em frente à realidade expansiva de apropriação dos dados de informação através da mineração de dados digitais no marco do capitalismo digital (Morozov, 2018; Mejías e Couldry, 2019).

Como uma nova fronteira de expansão econômica que avança conforme ocorre o processo de retroalimentação de informações úteis e que são posteriormente transformadas em dados digitais de informação para serem mercantilizados (Gil e Hirschfeld 2021)¹⁴. Chegamos a realidade em que o uso dos dados na publicidade e propaganda capitalista (operada por sistemas hiper-sofisticados de tecnologias de dados) se definem pela capacidade preditiva de classificação e estratificação dos usuários das plataformas digitais de mídias¹⁵. Um fator que leva a necessidade de reconsiderar o papel das mídias na construção da realidade social e das relações materiais e simbólicas que as classes sociais desenvolvem através do uso das TDICS no cotidiano social.

Um debate não se reduzir a dimensão puramente tecnológica e muito menos deve se resignar ao discurso reivindicatório da soberania nacional e regulação do uso das mídias digitais. E que por isso, deve estar pautado numa gramática científica impiedosa, capaz de enfrentar a contradição inerente no funcionamento e constituição das mídias e meios de comunicação no contexto do capitalismo digital-datafocado. Mas, e sobretudo, combater o sistema diferencial de classes, ampliando as possibilidades de democratização dos meios de informação e comunicação para a classe trabalhadora (Tragtenberg, 2005).

Isso significa ter de reelaborar as práticas na formação da consciência da exploração e dominação. Algo incompatível com as formas restritivas de propriedade intelectual e a burocracia estatal inscritas no circuito capitalista direito dos meios de comunicação. Porém, isso não nega que as mídias eletrônicas e digitais possuem um potencial de mobilização que pode ser direcionado para a destruição conquistada da classe trabalhadora e tal como ocorre por diferentes formas na realidade política e do trabalho na América Latina.

A manipulação, a desinformação e outros problemas emergentes do uso das mídias digitais só podem ser enfrentados no nível da crítica, caso estejam voltado para a capacidade das técnicas de mídias se infiltrar no cotidiano social das populações e comunidades periféricas. É dizer, a dialética das mídias digitais mantêm uma brecha cada vez mais estreita para a sua utilização em favor da denúncia da exploração e dominação e, que as TDICS podem sim ser um veículo da consciência de classe e auto-organização dos interesses de emancipação social. Oportunamente, uma consciência crítica, autônoma e livre que incinda na realidade e seja colocada em frente à expansão da economia digital e dataficação do mundo social.

que compreende que existe uma verdade pura nas questões políticas, tal como fazem o Liberais.

¹⁴ É dizer, se a incomunicabilidade marcou o processo de difusão das mídias de base tecnológica na matriz elétrica. Esta lógica foi alterada pela expansão da matriz digital ou microeletrônica quando a dataficação se constituiu num objeto central para formação das subjetividades, organização do cotidiano e produção de valor através do uso e acesso das plataformas digitais de mídias.

¹⁵ Não é apenas o consumo que reforça os problemas a serem pela atuação das mídias, mas as transformações na dinâmica produtiva e reprodutiva que incidem nas subjetividades dos produtores e consumidores de informação e cultura.

Um problema teórico e prático que deve ser enfrentado no nível da espetacularização do cotidiano social e uso (ou acesso) hipermassificado das TDICs que rompem com a ideia de passividade absoluta do espectador (usuário). Mas que sobretudo deve compreender como faz M.T, que:

(..) o indivíduo isolado só pode fazer uso dos aparelhos eletrônicos enquanto diletante, não enquanto produtor, na medida que se procura fazer com que todo eventual participante, passe a ser concessionário - sob licença dos monopólios - que utilizam seus produtos (Tragtenberg, 2006).

Então que existem múltiplas possibilidades ligadas às lutas correspondentes à práticas de participação e emancipação, o que não poderá ser alcançado apenas com a mera ajuda de aparelhos tecnológicos, senão, com a existência da auto-organização das necessidades sociais como método coletivo de produção (Ibid. *ibid.*, p. 354).

A contra-informação é aquela que não se confina a dimensão da "comunicação underground" e se desvia do "diletantismo" ampliado pela falsa percepção de apropriação no uso das TDICs e o constante feedback que exige a dataficação na reprodução do Capital. Emerge do pensamento crítico e reflexão teórica sobre o uso das TDICs pelas classes sociais no marco do capitalismo digital. Deve recuperar princípios estratégicos como o cooperativismo, livre associativismo de produtores/trabalhadores e formas não-hierárquica e anti-autoritária de relações de comunicação, produção e consumo como prática frente ao capitalismo digital-datafocado do século 21.

Considerações finais

"pode-se ser antimarxista, mas não se pode desconhecer o marxismo. São tão importantes as teses econômico-sociais de Marx, que até hoje a esquerda não apresentou coisa melhor. Todavia, o anarquismo possui uma importante contribuição para análise da superestrutura, dos movimentos sociais, da luta contra a burocracia e da defesa da liberdade como valor".
Maurício Tragtenberg.

Tragtenberg foi um intelectual rebelde e comprometido, um sociólogo irredutível que viu lacunas na teoria política marxista e buscou autores que pudessem complementar a sua concepção crítica da economia política. Definiu-se um "marxista anarquizante". Do anarquismo social retomou a crítica do poder estatal, a crítica antiautoritária, a crítica contra a burocracia e a necessidade de autogestão para autorrealização das classes vítimas da exploração e dominação capitalista. Do marxismo a compreensão sobre a impossibilidade de fazer ciência sem a análise histórica e através do conflito da luta de classes. Por ambas, compreendeu o papel central da comunicação e mediação do mundo realizado através das mídias e comunicação social.

Viu no surgimento da "era eletrônica" uma mudança qualitativa e quantitativa das possibilidades de ação na luta e a resistência anticapitalista. Criticou a oligopolização e o monopólio das mídias, e forneceu antecipações sobre o papel das TDICs na economia e sobre a ampliação da capacidade preditiva dos comportamentos.

Ao reabilitar a dialética serial e o materialismo sociológico, postulamos a análise das "séries históricas" e "ondas midiáticas" como categorias que possuem uma capacidade heurística para explicitar a evolução geral das mídias e mediação capitalista. Um procedimento de análise total da mídias pela EPC e um horizonte para a análise da mediação no capitalismo digital e mineração de dados digitais e informação, como um princípio da expansão econômica e extrativismo hi-tech na América Latina.

Pela contribuição sociológica e libertária de M.T, reconhecemos a contradição inerente ao funcionamento das mídias e plataformas digitais, e a necessidade de organização de produtores livres como um desafio da comunicação crítica, científica e anti-capitalista. Por isso,

resgatamos a percepção que a “incomunicabilidade” e o “sistema diferencial” que separa os produtores e os consumidores não é algo inerente ao mundo das mídias e podem ser superados. Entretanto, para isso, é preciso recuperar práticas comunicativas que não rentáveis do ponto de vista capitalista na elaboração da contra-comunicação e/ou “contracultura”, reabilitado-as pela denúncia política e a crítica anti-capitalista.

O que não significa abrir mão da disputa que envolve o uso estratégico de aparelhos e tecnologias digitais, mas reconhecer a necessidade democratizar o todo social pela ampliação na participação das formas ativas de comunicação. Pressupõe a estruturação da sociedade civil com uma relativa autonomia frente ao Estado e a auto-organização como prática e ação direta, o veículo da consciência crítica e científica de pesquisadores, movimentos sociais e entidades de classe na América Latina.

A denúncia da exploração e extrativismos decorre de um tipo de pensamento científico autônomo que foi decisivo para formação de uma consciência regional e mundial sobre as desigualdades estruturais nas relações econômicas e culturais. A economia digital, a mineração de dados e o intenso fluxo informacional no mercado das mídias, exige uma reorganização e resgate dessa postura teórica abertamente materialista e classista sobre o papel das TDICs no processo de mediação das relações sociais.

A postura marxista e anarquista ou, ao menos “anarquizante” de Maurício Tragtenberg, reafirma que a atuação do cientista é a de ser o depositário da compreensão dos múltiplos desafios sociais a serem enfrentados, inclusive os que são relativos a comunicação popular frente a era do capital digital-datafocado. Por esta dedicação de intelectual voltado para a comunicação libertária e socialista, prestamos esta ligeira homenagem a quem manteve aceso o fogo da rebeldia nas ciências sociais e antecipou análises interessantes para compreender aquilo que hoje reconhecemos como a digitalização econômica e dataficação social no capitalismo no século 21.

Referências bibliográficas

ACCIOLY, Doris et al. (Ed.). **Maurício Tragtenberg: uma vida para as ciências humanas.** Unesp, 2001.

BAKUNIN, Mijail. **Federalismo, Socialismo Y Antiteologismo.** Edição cibernética, 1868.

BASTOS, M. “Indústria Cultural e capitalismo tardio: Origens da Economia Política da Comunicação no Brasil em Mercado Brasileiro de Televisão”. Chasqui. **Revista Latinoamericana de Comunicación.** N. 142, dec de 2019-mar de 2020, pp. 187-202.

BOOKCHIN, Murray. Anarquismo Social ou Anarquismo de Estilo de Vida: um abismo intransponível. **Anarquismo, Crítica e Autocrítica,** 1995.

BOOKCHIN, Murray. **Anarquismo: crítica e autocrítica.** São Paulo: Hedra, 2011.

BOLAÑO, C. (org.). **Comunicação e a Crítica da Economia Política.** Perspectivas teóricas e epistemológicas. São Cristóvão: Ed. UFS, 2008.

BOLAÑO, C. & SANTOS, V. “Considerações teórico-metodológicas sobre a história do campo da Economia Política da Comunicação e da Cultura”. **Revista Brasileira de História da Mídia.** Vol. 7, No. 1, jan/jun 2018, pp. 52-66.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas.** Trad. Sergio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre o estado.** Barcelona: Anagrama, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas:** sobre a teoria da ação. Papyrus Editora, 1996.

DE PAULA, Ana Paula Paes. Tragtenberg revisitado: as inexoráveis harmonias administrativas e a burocracia flexível. **Revista de Administração Pública,** v. 36, n. 1, p. 127 a 144-127 a

144, 2002.

FERRO, S. **Artes Plásticas e Trabalho livre**. São Paulo: Editora 34, 2015.

GIL, G. S.; HIRSCHFELD, M. Extrativismo Hi-Tech e Expansão Capitalista no Século XXI: uma breve contribuição para crítica latino-americana na era do colonialismo de dados. In: PARANÁ, E; KAMINSKI, R. (orgs.). **Tecnologia e desenvolvimento nas Américas: novas fronteiras e dilemas do capitalismo contemporâneo**. Vol. 6. Curitiba: CRV, 2021.

GROHMANN, Rafael. Plataformização do trabalho: entre dataficação, financeirização e racionalidade neoliberal. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, v. 22, n. 1, p. 106-122, 2020.

HERSCOVICI, A.; BOLAÑO, C.; MASTRINI, G. Economía Política de la Comunicación y la Cultura: una presentación. In.: MASTRINI, G. & BOLAÑO, C. (eds.). **Globalización y Monopolios en la Comunicación en América Latina**. Buenos Aires: Editorial Biblos, 1998.

MARTINS, H.; VALENTE, J. "Datificação da economia e impactos nos mercados das comunicações: uma análise do Google e do Grupo Globo". In.: **Revista Eptic**. Vol. 21, n. 3, set-dez 2019, pp. 85-100.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Trad. Décio Pignatari. 1969.

MEJÍAS, Ulises; COULDRY, Nick. Colonialismo de dados: repensando la relación de los datos masivos con el sujeto contemporáneo. **Virtualis**, v. 10, n. 18, p. 78-97, 2019.

PASSETTI, Edson. Maurício Tragtenberg, um socialista heterodoxo. In: ACCIOLY; SILVA, Doris; MARRACH, Sonia Alem. **Maurício Tragtenberg: uma vida para as ciências humanas**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

SANTOS, V.; BOLAÑO, C.; BASTOS, M.; SANTOS, A. "A mediação segundo a Economia Política da Comunicação" p. 171-192. In. **Desafios da comunicação em tempo de pandemia: um mundo e muitas vozes [recurso eletrônico]** / Nair Prata, Sônia Jaconi e Genio Nascimento (orgs). São Paulo: INTERCOM, 2020, 461 p.

SRNICEK, Nick. **Platform capitalism**. John Wiley & Sons, 2017.

TRAGTENBERG, Maurício. **Administração, Poder E Ideologia**. Unesp, 2005.

TRAGTENBERG, Maurício. **Burocracia e ideologia**. Editora Unesp, 2006.

TRAGTENBERG, Maurício. **O capitalismo no século XX**. Editôra UNESP, 2009.

TRAGTENBERG, M. (Org.). **Marxismo heterodoxo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

TRAGTENBERG, Maurício. **MEMORIAL** - Maurício Tragtenberg (PDF). Faculdade de Educação da Unicamp.

TRAGTENBERG, M. **Memórias de um autodidata no Brasil**. São Paulo: Editora Escuta, 1999.

TRAGTENBERG, M. Editorial: Educação e Política. *Educação & Sociedade*, v. 4, n. 10, set. 1981.

TRAGTENBERG, M. Marx/Bakunin. *Nova Escrita Ensaio*, v. 5, n. 11-12, 1983.

VALVERDE, Antônio José Romera. (Org.). **Maurício Tragtenberg: 10 anos de encantamento**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2011.

Fontes Online:

<https://fpabramo.org.br/2006/05/11/livro-memorias-de-um-autodidata-no-brasil-de-mauricio-tragtenberg/> consultado em 05 janeiro de 2024.

<https://www.scielo.br/j/rae/a/8QrdJtpc7sqHNh9g7xCnd5z/> consultado em 08 janeiro de 2024.

<https://ithanarquista.wordpress.com/2020/07/24/daniel-guerin-a-reabilitacao-do-anarquismo/> consultado em 10 janeiro de 2024.

<https://www.scielo.br/j/rae/a/8QrdJtpc7sqHNh9g7xCnd5z/> consultado em 06 janeiro de 2024.

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1812199930.htm> consultado em 08 janeiro de 2024.

<https://informecritica.blogspot.com/2011/04/mauricio-tragtenberg-um-sociologo.html> consultado em 10 janeiro de 2024.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Golos_Truda consultado em 11 janeiro de 2024.

Agradecimentos e fontes de financiamento

Programa de Pós-graduação em Economia Política Mundial (PPG-EPM) e Fundação Universidade Federal do ABC (UFABC).